

ARQUEOLOGIA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: DA TERRA PARA A LOUSA



FAPEAM
Fundação de Amparo à Pesquisa
do Estado do Amazonas

Secretaria de
Desenvolvimento
Econômico, Ciência,
Tecnologia e Inovação



Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá



ORGANIZADORES/AS

Maurício André da Silva
Eduardo Kazuo Tamanaha
Márjorie do Nascimento Lima





Filomena Maria Nunes da comunidade Boa Esperança,
RDS Amanã, convida para entrar e espiar.

Foto: Bruno Kelly, Instituto Mamirauá



Secretaria de
**Desenvolvimento
Econômico, Ciência,
Tecnologia e Inovação**



Márcia Perales Mendes Silva
Diretora-Presidente da
Fundação de Amparo à Pesquisa
do Estado do Amazonas



**Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá**

João Valsecchi do Amaral
Diretor Geral

Emiliano Esterci Ramalho
Diretor Técnico-Científico

Alexandre Pucci Hercos
Coordenador de Pesquisa

Eduardo Kazuo Tamanaha
Coordenador do Grupo de Pesquisa em
Arqueologia e Gestão do Patrimônio
Cultural na Amazônia



Universidade de São Paulo

Vahan Agopyan
Reitor

Antonio Carlos Hernandes
Vice-reitor

Museu de Arqueologia e Etnologia da USP

Paulo Antonio DeBlasis
Diretor

Eduardo Góes Neves
Vice Diretor

ARQUEOLOGIA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: DA TERRA PARA A LOUSA

Ficha catalográfica

Arqueologia e conhecimentos tradicionais nas comunidades ribeirinhas: da terra para lousa / organizadores, Maurício André da Silva, Eduardo Kazuo Tamanaha e Márjorie do Nascimento Lima. -- São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2021.

120 p. ; il. color.
ISBN: 978-65-993062-2-8
DOI: 10.11606/9786599306228

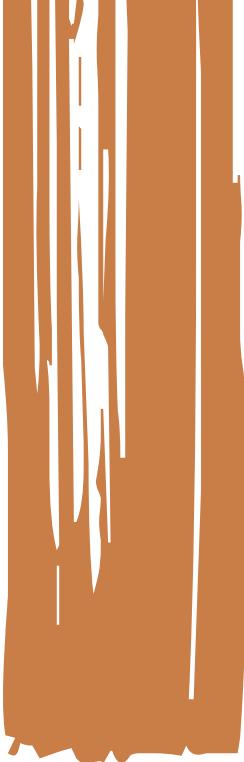
Obra financiada pelo Governo do Estado do Amazonas com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM

1. Arqueologia amazônica. 2. Comunidades Ribeirinhas. 3. Escavações arqueológicas – estudo e ensino. I. Silva, Maurício André da. II. Tamanaha, Eduardo Kazuo. III. Lima, Márjorie.

Elaborado por Mônica da Silva Amaral - CRB-8/7681

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada. Proibido qualquer uso para fins comerciais.





ARQUEOLOGIA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: DA TERRA PARA A LOUSA



Secretaria de
Desenvolvimento
Econômico, Ciência,
Tecnologia e Inovação



Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá








Arqueóloga Luiza Vieira observa o fragmento de cerâmica coletado, comunidade Ponta da Castanha, Flona Tefé.

Foto: Bernardo Oliveira, Instituto Mamirauá

SUMÁRIO

OLÁ PROFESSOR, PROFESSORA, TUDO BEM?

1. Professor, professora, espia só! | Maurício André da Silva,
Eduardo Kazuo Tamanaha, Márjorie do Nascimento Lima (Organizadores) **10**
- 1.1 Laboratório de Arqueologia do Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá | *Eduardo Kazuo Tamanaha* **12**

VOCÊ CONHECE A ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA?

2. Educação patrimonial nos caminhos do Lago Amanã | *Maria Tereza Vieira Parente* **16**
- 2.1 Arqueologia Amazônica | *Eduardo Kazuo Tamanaha* **19**
- 2.2 Arqueologia do Médio Solimões | *Eduardo Kazuo Tamanaha* **21**
- 2.3 Arqueologia da Confluência dos Rios Solimões-Amazonas e Negro -
Contexto de Manaus | *Carlos Augusto da Silva e Bruno Pastre Máximo* **23**
- 2.4 O que a arqueologia tem a ver conosco | *Maurício André da Silva* **26**
- 2.5 As coisas que viram patrimônio. Importância da legislação Patrimonial
| *Carla Carneiro e Maurício André da Silva* **28**
- 2.6 Colecionamento de coisas, de material arqueológico | *Maurício André da Silva* **31**
- 2.7 Como as pesquisas Arqueológicas são realizadas? | *Carla Cibertoni Carneiro* **33**
- 2.8 Pequeno roteiro na curta duração. Como se tornar arqueólogo/a na Amazônia
| *Márcio Amaral* **38**
- 2.9 Caco de pote, pote de gente | *Márjorie do Nascimento Lima* **40**
- 2.10 O que são as terras pretas? | *Márjorie do Nascimento Lima* **44**
- 2.11 O tempo das coisas e como saber se é antigo ou recente? | *Maurício André da Silva* **46**
- 2.12 Histórias de índios: do passado ao presente, tudo parente | *Patrícia Carvalho Rosa* **48**

ARQUEOLOGIA COM AS COMUNIDADES DA RDS AMANÃ E DA FLONA TEFÉ

3.	Lembranças da borracha, do patrão e o momento das comunidades Maurício André da Silva	52
3.1	O território é a floresta, é o rio, é a Reserva Caetano Franco	54
3.2	O papel da arqueologia na área de Reservas Márjorie do Nascimento Lima	56
3.3	Cartografias participativas Caetano Franco	58
3.4	Manejo de fauna em defesa da Sociobiodiversidade: Experiências da pesquisa sobre caça na região do Médio Solimões Lisley Pereira Lemos	60
3.5	Arqueologia e as plantas Mariana Cassino	62
3.6	Domesticação de plantas: a relação entre as pessoas e o piquiá Rubana Palhares Alves	66
3.7	É melhor lembrar ou esquecer? Arqueologia do Lago Tefé Jaqueline Belletti e Kelly Brandão	69
3.8	Arqueologia e as marcas dos muitos seres que habitam os lugares Jaqueline Gomes	72
3.9	Arqueologia da FLONA Tefé Rafael Cardoso de Almeida Lopes	75
3.10	Arqueologia e as práticas funerárias Anne Rapp Py-Daniel	78
3.11	Conservação Arqueológica - o Lago Amanã e a preservação do patrimônio Silvia Cunha Lima	82
3.12	Os estudos iconográficos na arqueologia Erêndira Oliveira	86

ALGUMAS DICAS PARA TRABALHAR A TEMÁTICA EM SALA DE AULA

4.	Orientações gerais para professores/as	96
4.1	Arqueologia, plantas, domesticação e o piquiá Maurício André da Silva	98
4.2	Arqueologia, cultura material e arte Karina Nymara Brito Ribeiro	100
4.3	Arqueologia e as práticas funerárias Maurício André da Silva	102
4.4	Preservação e conservação da cultura material Karina Nymara Brito Ribeiro	104
4.5	Introdução à arqueologia Maurício André da Silva	106

5. AGRADECIMENTOS

110

6. CRÉDITOS

116

4.3

ELABORAÇÃO

| Maurício André da Silva

ARQUEOLOGIA E AS PRÁTICAS FUNERÁRIAS

Quais anos escolares posso trabalhar o conteúdo:

- Fundamental II (6º ano ao 9º)
- Ensino Médio e Tecnológico

Quais disciplinas que podem abordar o tema:

História; Geografia; Português; Sociologia; Biologia; Artes; Filosofia.

Sugestão de quantidade de aulas:

2 a 3

Objetivo:

Explorar a morte como um elemento que conecta todas as espécies no planeta e todas as culturas, no caso dos grupos humanos. Aproximar a cultura indígena da cultura ribeirinha, beradeira, amazonense, por meio da passagem.

Algumas indicações BNCC:

(EF04ER03); (EF08ER03); (EF09ER04); (EF07GE03); (EF05HI08); (EF06HI08).

DICA

Falar abertamente sobre a morte com crianças e jovens na escola é a melhor maneira de lidar com o tema, as crianças acompanham tudo e interpretam o que acontece ao seu redor. Quando um ente querido falece é fundamental falar a verdade e explorar o tema. Muitas vezes a incompreensão leva ao medo, o que pode causar reações emocionais difíceis nas crianças.

AULA 1

1 Realize uma roda na sala e proponha um debate sobre o ciclo da vida que todos os seres e pessoas passam, como nascer, crescer, tornar-se adulto, envelhecer e morrer. Explique a importância do luto, para superar a perda de quem se foi e continuar a vida. Converse de forma aberta, sobre o que é a morte e o ciclo da vida.

2 Anote na lousa palavras chaves que os/as estudantes falarem, os sentimentos, como por exemplo saudade, dor, tristeza, etc. Estimule para que conversem se já viram na televisão, novelas, jornais esse assunto, assim como na família.

3 Divida a turma em grupos e peça que conversem sobre como é realizado o enterro de um ente querido na comunidade. Sugira anotar todos os detalhes, quantos dias demora o velório, onde e como o corpo é enterrado. Como é feita a cerimônia, o que acontece na comunidade, etc.

4 Em casa peçam para que conversem com as famílias como é realizado o enterro de um ente querido na comunidade.



Desenhos das urnas funerárias das crianças da Escola Criança Esperança da comunidade de Tauary, FLONA Tefé - Amazonas.

Foto: Maurício André da Silva

AULA 2

- 1 Com os mesmos grupos de estudantes peçam para que apresentem o que levantaram sobre os sepultamentos e enterros na comunidade. Anote palavras-chaves na lousa.
- 2 Em seguida leia em voz alta ou realize uma exposição sobre a forma como os sepultamentos indígenas eram realizados no Lago Amanã e no Lago Tefé no passado pelos grupos indígenas no texto **A arqueologia e as práticas funerárias** da professora Anne Rapp Py-Daniel.
- 3 Conversem sobre diferenças e semelhanças dos sepultamentos indígenas no passado e como se realizam hoje.
- 4 Conversem sobre quais informações os/as cientistas conseguem obter por meio do estudo dos remanescentes humanos. Discutam o que os alunos acham se no futuro seus ossos forem utilizados para realizar alguma pesquisa.

AULA 3

Após esse ciclo de ações finalize com alguma atividade prática, como:

- 1 Elaboração de uma redação sobre a morte de um ente querido e como foi todo o processo de sepultamento.
- 2 Realização de um desenho com os materiais disponíveis sobre como os/as indígenas do Amanã e da Flona Tefé eram sepultados no passado.
- 3 Convidar alguma liderança mais velha da comunidade para falar dos entes queridos que se foram e como eles/as fazem para manter a memória viva.